

Bracher retoma negociações com comitê de bancos credores

por Paulo Sotero
de Washington

O primeiro compromisso do presidente do Banco Central (BC), Fernão Bracher, ontem, em Nova York, foi o encontro com o presidente do Chase Manhattan Bank, Willard Chase, que durou apenas vinte minutos. Mas foram intensos vinte minutos, suficientes para revelar a grande distância que separava o governo brasileiro de seus credores, às vésperas da abertura de mais uma rodada de negociações da dívida externa brasileira. As conversações começam hoje, na sede do Citibank, sob a pressão do prazo para renovação da dívida de curto prazo, que vence amanhã.

Butcher abriu a conversa perguntando a Bracher sobre os entendimentos do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI). O presidente do BC disse-lhe que o Fundo fizera uma avaliação positiva sobre o Programa Econômico Brasileiro e que, do ponto de vista do governo, isso atendia à pré-condição apresentada pelos bancos, em dezembro, para se renegociar a dívida.

O presidente do Chase deixou claro, então, que não via as coisas da mesma maneira e perguntou a Bracher quando o governo estaria disposto a negociar um acordo formal com o FMI. Bracher respondeu que isso não estava nos planos do governo e ouviu de Butcher que, na ausência de um envolvimento formal do Fundo, os bancos não atenderiam à reivindicação brasileira de renegociar os vencimentos do principal da dívida de 1985 e 1986 e reduzir o "spread". Estariam dispostos apenas

a renovar os US\$ 15 bilhões da dívida de curto prazo.

ENCONTROS

O presidente do BC esteve ontem com outros três banqueiros, John Reed, do Citibank, Lewis Preston, do Morgan Guaranty, e John McCouch, vice-presidente do Setor Internacional do Manufacturers Hanover. No dia anterior, ele estivera com pelo menos um outro banqueiro, o presidente do Bankers Trust, Alfred Rittan. Se seu encontro com Butcher servir de amostra para as demais reuniões que teve com banqueiros, e os sinais disponíveis ontem eram de que ele teve conversas muito difíceis com todos os seus interlocutores dos

grandes bancos, o presidente do BC sabe que estará diante de uma duríssima parada, hoje, quando apresentar a proposta brasileira de renegociação aos representantes dos 14 bancos internacionais que têm assento no Comitê de Bancos Credores.

Se os banqueiros exibiram uma atitude pouco flexível nesses contatos, de acordo com fontes financeiras, eles confirmaram, nas mesmas conversas, que a posição do Brasil está tomada e que Bracher a apresentará com toda veemência na reunião de hoje.

Sintomaticamente, os três líderes do comitê de bancos, William Rhodes,

do Citibank, Leighton Coleman, do Morgan Guaranty, e David Drury, do Lloyds Bank, decidiram, na tarde de ontem, durante uma reunião preparatória ao encontro de hoje, que não levarão uma proposta do comitê e tentarão chegar a uma solução de compromisso — o que provavelmente só acontecerá amanhã.

DIVISÃO

"Os bancos estão divididos. Há um grupo intransigente que não quer abrir um precedente aceitando negociar a dívida de um país que não se entendeu com o Fundo.

Há um outro grupo que considera a reivindicação brasileira razoável e prefere evitar um impasse, no qual só haveria perdedores", disse ontem uma bem situada fonte bancária. "Mas os dois grupos concordam em que, no rumo em que vai, dentro de seis a oito meses a economia brasileira estará quebrada; o governo está em sérias complicações com o Clube de Paris, a quem já deve quase US\$ 1 bilhão de juros atrasados, e o presidente José Sarney não terá alternativa a não ser o entendimento com o Fundo."

Pode até acontecer. Mas a maioria dos banqueiros ouvidos ontem por esse jornal acredita que a tese da acomodação prevalecerá, sob a forma de uma prorrogação imediata das linhas de curto prazo, seguida de negociações sobre o reescalonamento do principal. A realização e a velocidade dessas negociações, acredita um banqueiro, dependerão, em boa parte, da capacidade de Bracher de convencer os credores de que não está blefando.